

## DESAFIOS DIANTE DA PRÁTICA DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNADO NA ESCOLA DO SÉCULO XXI

Rafaela de Lima Costa<sup>1</sup>  
Rita de Cássia Alves de Silva Lima<sup>2</sup>  
Amaury Soares de Albuquerque Junior<sup>3</sup>  
Neuza Maria Pontes de Mendonça<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo aponta os meios pelos quais a leitura e a interpretação textual contribuem para a formação de alunos socialmente críticos, influenciando-os a observar a sociedade de tal modo que os levem à reflexão, e conseqüentemente, à ampliação significativa de sua compreensão e visão de mundo. Por ser componente do saber, o ato de ler e interpretar promove no estudante a percepção diante de si e do outro, de modo a fazer, assim, surgir nos sujeitos em situação de aprendizagem posicionamentos e indagações a respeito do meio sociocultural que os rodeia. Demonstramos, nesse sentido, a importância do professor nos processos de leitura e de desenvolvimento do prazer pela escrita, além de algumas das dificuldades enfrentadas ao desenvolver tais práticas, em pleno século XXI, como também destacamos as características discursivas que envolvem a leitura e a produção escrita. Dessa forma, notamos que a leitura crítica é um exercício que desenvolve a autonomia nos educandos, enquanto formadores de seus próprios conceitos, pois são seres sociais capazes de transformar a si e ao meio em que vivem.

**Palavras-chave:** Aluno; Interpretação Textual; Leitura, Professor.

### INTRODUÇÃO

A abordagem sobre o que é leitura, bem como esse processo é disseminado nas escolas, compõe todo um respaldo para que venhamos a compreender o porquê de muitos

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura plena em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, [limarafacla241@gmail.com](mailto:limarafacla241@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura plena em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, [rita.alves.lima@outlook.com](mailto:rita.alves.lima@outlook.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura plena em Letras- Português/Inglês e suas respectivas literaturas das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA, [amaurysalbuquerque@gmail.com](mailto:amaurysalbuquerque@gmail.com);

<sup>4</sup>Professora orientadora: Professora do curso de Letras das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão-FAINTVISA. Formado em Letras- Português pela Faculdade de filosofia, ciências e letra de Caruaru. Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [neuzinhaflam@hotmail.com](mailto:neuzinhaflam@hotmail.com);

alunos realizarem o ato de ler de um determinado texto e não interpretarem de forma significativa o que foi lido. Cabe, ainda, atestar que grande parte dos alunos tratam a leitura de maneira equivocada e, por isso, permanecem à margem das limitações interpretativas, impedindo-os de chegar de fato ao desenvolvimento de sua criticidade e autonomia.

Não apenas a leitura é extremamente significativa na escola, como também a formação de estudantes que desenvolvam aptidões suficientes para interpretar o que é lido. Nesse sentido, pensamos o professor como um mediador potencial a esse processo interacional, na tríade: aluno, leitura e interpretação textual.

Nessa perspectiva, cabe destacar que os leitores contemporâneos, na grande maioria das vezes, são os típicos sujeitos que não desenvolvem o hábito de ler textos em jornais, em livros e em revistas, devido ao fato de os gêneros textuais que circulam nessas esferas do saber serem maiores e exigirem uma leitura mais prolongada, abrangente – em termos sociais e históricos – o que, muitas vezes, para eles, torna-se bem mais exigente esse tipo de leitura, a depender do assunto abordado por determinada construção discursiva. Logo, a predileção da maioria das pessoas fica entre os textos advindos da internet, por serem fragmentados e disporem de mecanismos que os mantêm em comunicação contínua. Não seria diferente com as crianças e os adolescentes, estes cercados dos conteúdos advindos dos meios digitais e, para eles, esse tipo de leitura é bem mais dinâmica e interessante. Daí, então, a leitura de textos mais importantes e complexos (presentes em livros, em revistas ou em jornais, por exemplo), torna-se bem menos interessante e muito mais cansativa e desestimulante.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi a qualitativa, posto que selecionamos referentes teóricos acerca da prática do docente em relação à leitura e à interpretação, na sala de aula, de modo a abordamos, ainda, a criticidade do aluno e quais os desafios de ensino encontrados no século XXI, com o intuito de fazer um aporte teórico a fim de contribuir para a atuação docente.

## **RESULTADOS E DICUSSÕES**

### **O século XXI e a leitura não linear**

Com o grande avanço da tecnologia, a vasta quantidade de notícias que se propaga, por meio de textos propicia às pessoas dos mais diferentes níveis socioculturais, inúmeras informações acerca dos mais variados assuntos. Ainda assim, existe, de maneira ampla, um grande quantitativo de pessoas que não consegue e nem sabe atender às diversas condições de leitura e de interpretação que esses textos demandam, isto porque “não basta transitar pela informação. O fundamental é saber transformar informações em conhecimento próprio através de procedimentos adequados de aprendizagem.” (DEMO, 2007, p.91)

Logo, o universo difundido pela mídia, por meio da internet, desfaz obstáculos sociais, atitudinais e geográficos, em que países diferentes se relacionam por meio da propagação midiática de informações. Por isso, é notório “que a aprendizagem virtual vai se impor e dominar o cenário futuro, não há escapatória.” (DEMO, 2007, p. 91), pois estamos diante de uma vasta relação de convívio com as mídias digitais, de modo que a aquisição de informação é praticamente constante: em apenas um toque, para exemplificar a nossa construção, com o uso dos *smartphones*, o sujeito tem diante de si as mais variadas notícias do mundo inteiro, nessa ilusão dialética de atenuação das fronteiras .

No entanto, este vasto excedente de informações midiáticas traz contrastes e certezas às pessoas, e essas informações produzem as chamadas “confirmações e veridades legitimadas”; afinal, por vezes, já tivemos a oportunidade de ler algo que nos induziu a deixarmos de adquirir algum bem de consumo, isto porque a notícia convenceu-nos que este determinado produto não possui uma relação entre custo/benefício como esperávamos. Possivelmente, não seja fácil de encontrar a “verdade absoluta” diante de cada situação que é apresentada através dos textos que temos a possibilidade de ler, mas o objetivo principal do sujeito leitor é apresentar um posicionamento diante dos fatos e não se manter imparcial diante de um assunto que o inquieta.

Em pleno século XXI, fica praticamente impossível descartar o fato de que no ambiente escolar “é difícil encontrar um aluno entusiasmado com a escola. Na contramão, é difícil encontrar um aluno que não tenha paixão pela nova mídia” (DEMO, 2007, p. 86). Dessa maneira, a escola deve atentar-se também para o fato de que o aluno irá envolver-se bem mais nas atividades escolares se houver uma interação entre a tecnologia e o conteúdo normativo de ensino. Para os professores, é importante admitir que a aptidão que muitos alunos possuem com a tecnologia deve ser vista como uma forma que irá impulsionar o conhecimento, desde que estratégias metodológicas eficazes sejam bem trabalhadas com o educando.

Se levarmos em consideração todo esse contexto, que emerge a sociedade atual, “cumpre, pois, também à escola educar as novas gerações para usar bem a nova mídia.” (DEMO, 2007, p. 91). E o mais importante: no âmbito pedagógico, o professor pode promover debates sobre a forma que o aluno escolhe os textos advindos das mídias digitais para a leitura, e como ele encara cada texto lido.

### **A importância do Professor no desenvolvimento do leitor crítico**

Na grande maioria das vezes, o obstáculo enfrentado pelos professores surge devido à falta de proximidade do aluno com a prática da leitura, aonde, em alguns casos, a própria família não costuma ler e não estimula tal hábito nos educandos, achando que apenas os professores têm esse papel. O professor, enquanto mediador do processo de ensino/aprendizagem, surge como “encarregado” por aguçar a leitura nos alunos, e todo esse processo se dá de forma mais facilitada quando este mediador demonstra que na prática da leitura:

[...]o aluno poderia deixar de ouvir o mestre, que tudo pode e tudo sabe, para ouvir a si mesmo e aí acreditar que também sabe e que também pode... errar... parar de ler... discordar... não gostar... misturar... imaginar e sonhar. (...) Abandonar a condição de aluno... aprendiz... ouvinte... criança... conceito... comportamento... para existir como pessoa e leitor (SILVA, 1984, p. 83).

É necessário que o professor esclareça para os alunos que a leitura é um sistema gradual e interacional, em que a prática da leitura ativa e constante o conduzirá a uma considerável expansão do raciocínio, que irá transformá-los em sujeitos mais críticos perante os acontecimentos ao seu redor, mais inventivos e letrados. O discurso muitas vezes tido como “banal” de ser crítico perante a sociedade e possuir autonomia de escolhas, é motivo de

com o outro, e desta maneira, demonstra que o diálogo é fruto de particularidades que são obtidas socioculturalmente através de suas leituras e vivências de mundo:

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado de palavra, mas, ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. (BAKHTIN, 2003, p.147)

Logo, percebemos que todo discurso é permeado de ideologias e que também é social em todas as suas categorias; estas confirmações empregam-se do mesmo modo ao processo de leitura e escrita, pois quem escreve transporta o seu pensamento, vocábulo e conhecimento de mundo através das palavras para o texto escrito como forma de exteriorização linguística; daí então, seu pensamento pode ser problematizado por outras pessoas, viabilizando o surgimento de hipóteses e reflexões.

Porém, não conseguimos projetar um texto apenas como uma ordem concreta de um dado assunto, uma vez que ele é lido por várias pessoas que vivem em meios socioculturais completamente diferentes e estas pessoas, por sua vez, tem diferentes formas de interpretação sobre um mesmo assunto. Por isso, manifesta-se as mais variadas demarcações em níveis de interpretação textual sobre um conteúdo que é apresentado num texto, conforme aponta Bakhtin (2003, p. 41):

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.

Dessa forma, a leitura, a interpretação e a produção escrita que cada leitor faz de um dado texto não pode ser meramente reconhecida como um ato inerte, uma vez que escrever implica em projetar suas ideias e ideais para que o outro ás alcance, como num processo interacional onde ler e escrever adquire novos significados por abranger o lado social e cultural de inúmeras pessoas.

### **O que é leitura crítica e autônoma?**

Acerca do que já foi apontado nas discussões anteriores, para que o aluno haja de maneira autônoma e crítica, é necessário que ele disponha de pensamentos e aptidões que permitam a ele averiguar e esclarecer suas dúvidas, sabendo sempre filtrar as informações de maneira correta, já que a leitura crítica é completamente diferente da leitura mecanizada e/ou sistemática (esta que é apenas o ato de decodificar mensagens, sem que o leitor reflita sobre o conteúdo lido).

Para podermos assimilar a concepção de leitura como ato crítico autônomo, é necessário considerar que há diferença entre o “ledor” e o leitor. O primeiro lê os mais diversos textos, mas não consegue absorver conhecimento de mundo suficiente para intervir nas situações e problemáticas que o rodeia; apenas decodifica o texto, e não consegue transferir para a escrita o seu pensamento sobre um determinado assunto; já o segundo, além de ler sobre assuntos relevantes no meio social, consegue interpretar, intervir mediante os assuntos e transferir para a escrita os seus pensamentos.

A leitura é considerada crítica quando o leitor consegue conhecer, raciocinar e questionar acerca do assunto e/ou problemática que o texto aborda. Nesse momento, o leitor se enche de divergências e mudanças internas que o leva à uma confirmação de ideologias:

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixe da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. (FREIRE, 2005, p. 15)

Mediante este ponto de vista elucidado por Freire (2005), notamos que o sujeito que não desenvolve em si a inquietação de “ler” e questionar o mundo que o cerca, direciona-se para um caminho que não o levará à libertação dos princípios postos pelo meio social no qual vive, uma vez que ler e posicionar-se criticamente, é, “na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível [...]” (FREIRE, 2005, p. 17). Dessa maneira, a leitura possibilita ao educando a autonomia em suas escolhas, e também permite que ele associe e argumente sobre os mais diversos assuntos a nível cultural; que ele desenvolva melhor o seu processo cognitivo e desperte o desejo pela criação de textos.

Portanto, a criticidade que é motivada no aluno através da leitura, é, segundo Freire (2005), um interesse que provoca inquietude, e logo depois aguça nele questionamentos e dúvidas, que causam a reflexão consciente, o modificando interior e exteriormente, despertando “a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta [...]” (FREIRE, 2005, p, 18). Dessa maneira, o professor em sala de aula, assume (ou deveria assumir), o papel de sujeito que viabiliza (ou deveria viabilizar)



um espaço que proporcione ao aluno práticas de leitura que despertem nele a percepção do contexto sociocultural, ou simplesmente “a leitura do mundo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi demonstrar que, em pleno século XXI, ainda encontramos alunos com enormes dificuldades quanto ao que se refere à leitura e interpretação textual, isso porque conforme esse sujeito vai se familiarizando com a internet e as diversas mídias digitais, a leitura de textos mais significativos vai sendo deixada de lado, fazendo com que esses alunos adquiram mais informação do que conhecimento.

Dessa forma, o papel do professor sobrevém para impulsionar o educando a ler, interpretar e se posicionar de forma mais reflexiva, ainda que o fluxo de informação midiática, atualmente, seja tão excessivo. Por isso, demonstramos que embora exista um vínculo entre conhecimento e informação, tais concepções são um tanto quanto individualizadoras, pois, conhecimento trata-se da habilidade que o aluno possui ao ser exposto diante de uma determinada informação que provoca nele estímulos que geram o aumento de seu raciocínio e de sua criticidade. Já a informação nada mais é que a absorção do conhecimento de mundo, sem que tais conhecimentos sejam suficientes para o aluno venha a intervir criticamente no meio em que se encontra.

Assim, demonstramos a relação dos alunos do século XXI com a leitura e a interpretação textual, e a importância de ambas para contribuir na formação do indivíduo capaz de raciocinar criticamente e, assim, convergir para o seu lado intelectual, para que tornem-se sujeitos socialmente críticos e percebam que a prática da leitura é e sempre será o meio propulsor para uma sociedade mais criteriosa em suas escolhas, e, conseqüentemente, muito mais humanizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DEMO, Pedro. **O porvir: desafios da linguagem do século XXI**. Curitiba, PR: Ibpex, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e Leitura: Ensaios**. Campinas, São Paulo. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2002.

SILVA, Lilian L. M. da. **A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura**. (Dissertação de Mestrado em Teoria Literária). Campinas, UNICAMP/Faculdade de Educação, 1984.

UCHOA, Carlos Eduardo F. **A linguística e o ensino de português**. Niterói: Instituto de Letras, 1991.